

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JÔNATAS JUDÁ FERNANDES DE ASSIS

BODE EXPIATÓRIO: O DIÁRIO DA BORBOREMA E A MIMÉTICA DO DESEJO
NO PRÉ GOLPE DE 1964

CAMPINA GRANDE/PB

2019

JÔNATAS JUDÁ FERNANDES DE ASSIS

**BODE EXPIATÓRIO: O DIÁRIO DA BORBOREMA E A MIMÉTICA DO DESEJO
NO PRÉ GOLPE DE 1964**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção da graduação em Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História.

Orientador: Dr. Iordan Queiroz Gomes.

CAMPINA GRANDE/PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S848b Assis, Jonas Juda Fernandes de.
Bode expiatório [manuscrito] : O Diário da Borborema e a mimética do desejo no pré-golpe de 1964 / Jonas Juda Fernandes de Assis. - 2019.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Golpe de 1964. 2. Desejo mimético. 3. Análise do discurso. I. Título

21. ed. CDD 981.062

JÔNATAS JUDÁ FERNANDES DE ASSIS

**BODE EXPIATÓRIO: O DIÁRIO DA BORBOREMA E A MIMÉTICA DO DESEJO
NO PRÉ GOLPE DE 1964**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção da graduação em Licenciatura Plena em História.



Dr. Jordan Queiroz Gomes
(Orientador DH/UEPB)



Dr. Patrícia Cristina Aragão
(Examinadora Interna - UEPB)



Dr. José Pereira de Souza Júnior
(Examinador Externo - UFRN)

Dedico esta pesquisa à família e aos amigos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. RENÉ GIRARD.....	8
1.1 A OBRA: A VIOLÊNCIA E O SAGRADO.....	11
2. O DESEJO MIMÉTICO E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE O GOLPE DE 1964.....	17
3. BODE EXPIATÓRIO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	26

BODE EXPIATÓRIO: O DIÁRIO DA BORBOREMA E A MIMÉTICA DO DESEJO NO PRÉ GOLPE DE 1964

Jônatas Judá Fernandes de Assis¹

RESUMO

O estudo em questão visa uma análise dos eventos que precedem o golpe civil e militar de 1964, com intuito de perscrutar os caminhos editoriais do Diário da Borborema de Campina Grande e sua atuação dentro do cenário que antecede o golpe, mais exatamente o período que compreende os anos entre 1962 e 1964. O trabalho recorre ao historiador e antropólogo francês René Girard e a sua tese acerca do desejo mimético para compor as diretrizes teóricas e compreender esses aspectos culturais suscitados pela proposta, por meio dos conceitos que compreendem toda sua obra. Observamos como o autor construiu seu pensamento sobre velhos comportamentos, desenvolvendo novas perspectivas. Há uma construção de um personagem a ser punido na figura dos comunistas durante esse período, e nesse sentido, o jornal apresenta um forte teor discursivo para esse fim aplicando uma culpabilidade, montando um discurso anticomunista. É uma averiguação cultural sobre a violência e de como ela permeia como um éter, uma entidade insaciável, submissa da vingança. Compreendemos ao final que, foi criado um bode expiatório sobre a figura dos comunas e um desejo mimético, uma imitação do modelo capitalista estadunidense.

Palavras-chave: desejo mimético, bode expiatório, diário da borborema.

SCAPEGOAT: THE DIÁRIO DA BORBOREMA AND THE MIMECT OF THE DESIRE IN THE PRE COUP OF 1964

ABSTRACT

The study in question aims at an analysis of the events that prece the civil and military coup of 1964, in order to examine the editorial paths of Diário da Borborema of Campina Grande and its performance within the scenario that precedes the coup, the yars between 1962 and 1964. The papers draws on the french historian and anthropologist René Girard and his thesis about the mimetic desire to compose the theoretical guidelines and to understand these cultural aspect raised by the proposal, through the concepts that comprise all his work. We observe how the author constructed his thinking about old behaviors, developing new perspectives. There is a construction of a character to be punished in the figure of the communist during this period, and in this sense, the newspaper presents a strong discursive content for this purpose applying a guilty, setting up an anti-communist discourse. It is a cultural inquiry into violence how it pervades as an ether, an insatiable, submissive entity of revenge. We understood at the end that a scapegoat was created on the figure of the communes and a mimetic desire, an imitation of the american capitalist model.

Keywords: mimetic desire, scapegoat, diário da borborema.

¹ Aluno de graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus 1.
Email: jonatasjuda@gmail.com

INTRODUÇÃO

O trabalho é dedicado a analisar os caminhos editoriais do Diário da Borborema, notável jornal da cidade de Campina Grande, e visa compreender, mais exatamente, o discurso montado pelo diário acerca dos comunistas e de como isso estava disseminado em suas páginas, recorrendo ao historiador e antropólogo René Girard. A análise percorre, de maneira mais precisa, os anos de 1962, 1963 e 1964. Os eventos que seguem anteriormente ao golpe de 1964 são alvo de intensa discussão e demandam o comprometimento de várias áreas para melhor elucidação de toda a problemática envolvida. A história se ocupa desse tema também e busca entender de maneira que, cada uma das lacunas sejam preenchidas e que luz seja lançada sobre os caminhos que levaram a derrocada da democracia naquele ano. A história, então, se mune de um aparato teórico, ou seja, de ferramentas para que sua busca seja aprimorada. Que o seu esforço seja o mais efetivo possível. Portanto, ela encontra em outras áreas do saber, adição ao seu poder de compreensão. Nesse sentido, de adicionar uma nova visão e novas perguntas, recorreremos ao antropólogo René Girard² e sua teoria do desejo mimético - e tudo que a compreende – para tentar elucidar melhor os aspectos antropológicos do processo de queda da democracia centrado em desejos que partem de uma parcela da população brasileira, representada pelo jornal e a criação de um bode expiatório sobre outra, mais exatamente aquela que se entendia como comunista e/ou progressista em algum nível.

O pensador francês é um pesquisador da natureza humana, das coisas inerentes ao comportamento do homem. Lhe chama a atenção o desejo e como isso afeta o desenvolvimento histórico, de maneira que, várias resoluções dos problemas do homem são produto do seu desejo³. O homem deseja aquilo que outro homem deseja, assim como, também, odeia. Parte da população brasileira no início da década de 60 possuía um bode expiatório centrado na comunidade progressista da época, formada em sua maioria pela classe docente dos departamentos de humanidades das universidades e seus discentes. Sua visão política era pautada na teoria materialista de Marx, mais exatamente, o modelo oriundo da União Soviética: stalinista/leninista.

É interessante lembrar que esse período está dentro de um contexto maior ao qual é comum a História creditá-lo como Guerra Fria. A disputa política dos dois grandes polos – USA e URSS – afeta a comunidade mundial e seu psicológico, vide a repercussão da crise dos

² CARBONE, Silvia Maria. Conversações com René Girard. Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Nesta tese, a autora desenvolve vasta discussão sobre a pessoa de René, e coloca o leitor em posse de maior aprofundamento sobre sua carreira.

³ GIRARD, René. A violência e o Sagrado. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: ed. Paz e Terra, 2008.

mísseis de Cuba em 1962. Uma nova dinâmica é apresentada para as questões políticas e suas resoluções que partem dessa trama que movimentava o mundo. As decisões dentro dos países eram tomadas tendo em vista a rede de consequências que surgiriam de cada solução apresentada no cenário mundial.

Assim foi, também, no Brasil. A ala política representada pelo periódico em questão tinha como símbolo máximo os Estados Unidos, o que em outras palavras significava dizer que, toda arquitetura e arranjos políticos dessa ala eram baseados no modelo capitalista norte americano. A teoria acerca do desejo visa justamente analisar os fatos de um ponto de vista psicológico onde o desejo de ser e ter algo gera, numa comunidade ou em alguém unicamente, um aspecto negativo da imagem. Se as soluções estão naquilo que busco como modelo de desejo e aperfeiçoamento, as razões do mal estar social que esta ala buscava combater se encontram justamente no antagônico, no contraditório. A parcela comunista, seria então, o alvo deste periódico, a fonte de todo problema, uma singularidade que condensa todos os males que assolam o país; um bode expiatório.

Os preâmbulos do processo de tomada do poder pelos militares podem ser analisados pelo espectro antropológico, nos caminhos de alinhamento de pensamento com uma macro estrutura política centrada nos EUA, num desejo de ser capitalista; em um ódio ao outro, ao discordante. O discurso apresentado no jornal estaria então, imbuído em um desejo de pertencimento ao bloco capitalista que conduziria seus movimentos políticos em um sacrifício da democracia em prol de uma melhoria do país. Para isso seria necessário um combate, discursivo e bélico, contra o inimigo que estava centrado na imagem do progressista.

Recorreremos ao jornal para elucidar sobre esse discurso de afrontamento e de culpabilidade, no sentido de trazer ao leitor uma compreensão mais direta de como eram usadas as palavras para criar uma imagem vilanesca dos comunistas. Leituras sobre o período se constituem como fundamentais para um entendimento do contexto, de modo que, ao longo da narrativa, utilizaremos o respaldo de outros autores como o Nilson Borges⁴ e o Carlos Fico⁵ para montar uma visão adequada da época.

1 RENÉ GIRARD

⁴ Doutor em Direito do Estado pela UFSC, Professor de Ciência Política do Centro de Ciências Jurídicas da UFSC e Professor visitante do Departamento de Ciência Política da UFMG.

⁵ Doutor em História Social pela USP e Professor do Departamento de História da UFRJ.

A vida de René Girard está intercalada a sua obra. Seu lugar no meio acadêmico e a maneira como ele se coloca na vida, estão ligadas a sua percepção sobre o mundo guiada pela sua teoria, pois ele crê que todo homem está inserido em um cenário sacrificial. Ou seja, ele se vê em sua obra na medida em que ele estuda a si mesmo. É ele um participante do rito maior que conduz o processo civilizatório, que mais adiante iremos apresentar como a relação entre a violência e o sagrado, sua válvula de escape centrada na vítima expiatória ou bode expiatório e a imitação do desejo alheio.

Nascido em Avignon, sul da França, em 1923, tem sua educação traçada de maneira ímpar por ter o privilégio de seus pais serem figuras intelectuais que o colocariam nos trilhos do conhecimento já desde cedo. Seu pai era em si o principal influente, pois “O pai, arquivista, responsável pela biblioteca, Museu da cidade e palácio Papal é uma grande influência[...]”.(CARBONE. 2014, p.23). Dessa maneira, a atmosfera intelectual chega muito cedo a vida de Girard, em contraste a vida de outros pensadores de sua época ou como era e ainda é, costumeiramente algo que só se alcança na academia. Mas, as tortuosas escolhas dele já começam em sua juventude quando, abnega essa vida de esforço pelo conhecimento e se forma com especialidade em História medieval e vai buscar facilidades na vida se mudando assim, para os Estados Unidos, no pós guerra, depois da retirada do exército alemão do território francês. “Mesmo contrariado, estudou temas medievais. Defende a tese *La Vie Privée à Avignon dans la Seconde Moitié du XVme Siècle*”.(CARBONE. 2014, p.27). Já com formação na área da literatura ele encontra acolhimento em universidades dando aula de francês.

Assumidamente aventureiro, sem preocupação com produções e grandes reflexões, vai dar aulas nos Estados Unidos. Assume as aulas no Schenectady College⁸, faculdade particular, em Nova Iorque. Sem o pagamento de salários, Girard protesta e troca a faculdade pela Universidade de Indiana.(CARBONE. 2014, p.29)

Sua vida de leitura acadêmica, em literatura majoritariamente, em determinado momento por volta do final da década de cinquenta o coloca em xeque quando se depara com algumas percepções em certos detalhes que lhe tomam a atenção. A similaridade de comportamento entre os personagens das obras que costumeiramente lia, algo como Shakespeare, Marcel Proust e Dostoiévski, colocam em evidência o desejo:

Para as aulas, começa a ler Stendhal, autor que o surpreendeu, dada a semelhança com Proust e a ligação com Flaubert e Cervantes que pareciam óbvias. É o princípio do que seria a teoria mimética. [...]a releitura de Dostoiévski, somado às leituras de Shakespeare, Cervantes e Proust desenharam mais que uma possibilidade, o insight do que parecia não ter sentido, pelas diferenças das obras sob a perspectiva formal,

estética e linguística estava no argumento dos textos. Todos os argumentos remetiam ao desejo[...] (CARBONE. 2014, p.30).

René percebe que o desejo é um denominador comum para as tramas que lia, o desejo lhe salta aos olhos como ponto central de conflitos e que dá o ritmo das histórias. Nesse momento, podemos enxergar a criação dos *insights* que, posteriormente, iriam compor o todo do pensamento de sua obra. É em James Frazer, antropólogo escocês, mais especificamente na sua obra *O Ramo de Ouro*⁶ que o Girard irá então, acender a chama pelo conhecimento e tentar desenvolver alguma contribuição para antropologia e demais ciências das humanidades. Essa obra tem participação marcante por se opor a ideia de Girard acerca do cristianismo, uma vez que o James coloca o cristianismo no mesmo escopo que os demais mitos pelo mundo. Essa ideia está em nítido contraste com o pensamento de René pelo fato de ele entender o cristianismo como um rompimento ao ciclo de violência, não atendendo as características que compõe a sua teoria mimética.

O sacrifício de Jesus emerge outra realidade: não há como canalizar a violência[...] numa vítima que não representa a culpa. [...] Portanto o Cristianismo não é, apenas, uma religião: é uma nova cultura. Essa condição ocorre com a canalização da violência por meio da imolação da vítima representativamente inocente, essa mudança implica a alteração do referencial de desejo e do modelo seguido/copiado/imitado. (CARBONE. 2014, p.61)

O desejo então torna-se obsessão e já na sua primeira obra ele aplica suas ideias iniciais sobre a literatura ocidental. Em *Mentira romântica e Verdade romanesca*⁷, ele irá apresentar alguns aspectos básicos do seu pensamento sobre o desejo e demonstra que o gênero do romance expõe um desejo falso em relação aquilo que acredita ser o desejo. O desejo seria triangular e mimético, ou seja, o homem deseja aquilo que outro homem deseja, compondo assim um triângulo entre o objeto desejado, o rival e ele mesmo. Nos romances isso não acontece, pois o rival está sempre ausente, quebrando assim a estrutura do pensamento. Aqui, é perceptível um dos atributos que lhe é conferido por alguns críticos em relação a sua posição em meio ao campo de produção intelectual como sendo um estruturalista⁸.

René Girard apresenta um mecanismo que funciona em estrutura, tem partes integrantes de um todo social, definição tradicional para pensadores com essa visão para o real. Marx, por exemplo, se encontra nessa posição por demonstrar que a sociedade é

⁶ FRAZER, James. *O Ramo de Ouro* (1890).

⁷ GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*. Tradução de Lian Leon da Silva. São Paulo: É Realizações Editora, 2009.

⁸ É uma corrente de pensamento das ciências humanas que se inspirou no modelo da linguística na primeira metade do século XX.

composta por partes em conflito, sendo estas a burguesia e o proletariado. Aqui é necessário fazer um adendo e ressaltar um outro aspecto do Girard no tocante a sua relação com outros pensadores em sua obra. Não há uma conduta narrativa o autor em manter demasiado contato, exceto na iminência da necessidade. “Freud, Marx, Sartre, Lévi-Strauss aparecem e desaparecem do texto como meros interlocutores, absolutamente de forma displicente”. (CARBONE. 2014, p.105)

Contudo, esse mecanismo tem ainda um cariz que permite moldar a escala de observação e fugir de um possível aprisionamento nesse modelo estruturalista. Além da compreensão de uma parcela da sociedade ou algum grupo dentro dela, submetidos ao desejo mimético, é possível reduzir a escala, olhar mais de perto e ver os movimentos de personagens específicos e compreender seus caminhos na história de maneira mais próxima. Além da antropologia, Girard consegue conversar com a história e a psicologia pelo teor mental óbvio em sua obra. Há um arcabouço em seu pensamento que se mune de clássicos. É um exercício de filosofia também, na medida em que tenta compreender o homem de maneira ontológica. O homem seria um prisioneiro do seu desejo e vítima.

O autor também recorre à psicologia como aparato das questões mais minuciosas de sua tese. Sempre acompanhado nas suas obras por amigos que lhe davam o devido apoio nesse quesito. Por exemplo, o neuropsiquiatra e psicólogo Jean-Michel Oughourlian e o médico psiquiatra Guy Lefort juntaram forças à Girard e juntos produziram *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*⁹. Este livro traz uma reflexão mais geral dos conceitos dele e coloca a prova o que produzira até então numa tentativa de acompanhar problemas mais gerais do cotidiano por sua tese.

Sua vida é marcadamente uma vida de conflito com a academia. Sempre muito criticado e creditado como alguém que colocava muito da sua religião católica em seu pensamento. Mas isso nunca foi um mistério, pelo contrário, é notório o engajamento de aspectos do cristianismo em sua obra. Mas não como uma adesão de dogmas ou doutrinas, mas na medida em que todo pesquisador, de maneira, às vezes, inconsciente, passa muito de sua cosmovisão em seu trabalho. Muito embora o cristianismo não seja um alicerce ou base na vida do autor, é algo normal, comum ao homem vulgar.

Apesar da religiosidade da mãe, não era obrigado a conviver com a Igreja. O catolicismo com atitudes liberais da mãe levaram René Girard a assistir a aulas de catecismo por opção, na escola pública Lycée e a frequentar a Igreja até por volta dos 13 anos.(CARBONE. 2014, p.23).

⁹ GIRARD, René. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: ed. Paz e Terra, 2009.

A religião é aqui um tema e o objeto, jamais uma ferramenta pela qual ele se valeria. Ora, isso é comum de todo autor, que suas influências estejam manifestadas de alguma maneira na sua produção. Obviamente que, ainda assim, as suas críticas devem ser sempre analisadas e que exista uma busca em entender e reconhecer os erros.

1.1 OBRA: A VIOLÊNCIA E O SAGRADO

Lançada originalmente em 1972, essa é a principal obra deste historiador e antropólogo francês. Ela condensa todos os conceitos apresentados ao longo de sua vida e coloca o leitor em posse de uma meditação acerca dos entes que permeiam o processo civilizatório. Neste trabalho ele traça os caminhos da relação entre a violência e o sagrado desde as comunidades mais primitivas até nossos dias. Ele recorre aos mitos clássicos, essencialmente os gregos, que possuíam um caráter trágico e desse modo, expunham melhor os anseios mais obscuros do homem. O fato de ele recorrer a esse tipo de literatura se dá também, pela composição do imaginário humano representado nas narrativas míticas onde poderia ser aplicado sem vergonha ou constrangimento esse aspecto vil da humanidade. São narrativas sobre violência e vingança, os principais enfoques que o livro trás.

O autor propõe de maneira geral que, a violência permeia a realidade e assim, a história como um fio condutor para todos os conflitos, baseado em vingança e que o controle está na religião (sagrado) ou o seu aperfeiçoamento: a jurisdição. “A sociedade procura desviar para uma vítima relativamente indiferente, uma vítima “sacrificiável”, uma violência que talvez golpeasse seus próprios membros, que ela pretende proteger a qualquer custo”. (GIRARD. 2008, p.14). As sociedades primitivas entendiam que a eventualidade de uma seca, por exemplo, poderia ser devido a uma ira divina, portanto, um sacrifício deveria ser feito para desviar essa ira e que voltasse a chover. E, desse modo, proteger a comunidade da fome.

A princípio ele recorre à narrativa bíblica sobre Caim e Abel. Nesse texto ele explica que este conflito é um ótimo exemplo e ponto de partida para explicar como a triangulação do desejo mimético se dá de maneira prática, no caso, replicada em forma de narrativa mítica. Ambos os personagens estão em busca do mesmo objeto que seria a atenção de Deus. Contudo, ao ser dado mais atenção ao sacrifício de Abel, é constituída uma rivalidade. Um sacrifício deve ser feito. Na ausência de um item desse tipo, ou seja, um animal, Caim compreende que a única saída para escapar da violência representada na ira de Deus é matar o seu irmão. Essa lógica permeia toda antiguidade e se sustenta até hoje em alguns lugares, o

sacrifício é essencial para esvaziar a sociedade da violência, de uma crise. O sacrifício é o meio pelo qual recorria-se para solucionar os conflitos. “Só é possível ludibriar a violência fornecendo-lhe uma válvula de escape, algo para devorar”. (GIRARD. 2008, p.15).

A violência permeia a atmosfera desde tempos imemoriais, um lugar no tempo onde nem mesmo poderíamos nós entender como homens da maneira como compreendemos hoje. Em 2001 – Uma odisseia no espaço, de Stanley Kubrick¹⁰, filme de 1968, há uma reflexão que endossa esse princípio violento apresentado por René. Em uma das cenas iniciais há um grupo de símios, ancestrais em comum com o homem, onde eles disputam um lugar próximo a um lago. Essa rivalidade produz a violência em questão aqui. Não existem duas Helenas de Tróia, portanto, esse problema só pode ser solucionado por meio sacrificial, que no filme em questão não existe. Então, a válvula de escape, em situações em que ainda não havia sido estabelecido noções sobre ritual ou algum nível de religiosidade, ocorre na deflagração da violência sobre o rival. Na cena citada, os dois bandos entram em conflito resultando na morte de um deles.

Em sociedades mais desenvolvidas onde aspectos religiosos já estão presentes, esta válvula de escape se encontra no sacrifício animal e, por vezes, humano. Essa vítima expiatória deve compor em sua existência um cariz de integridade ao grupo. Deve ser entendida como participante da comunidade, um membro de fato, pois, para que a violência que paira seja extirpada o sacrifício deve ser significativo. Animais que eram sacrificados na antiguidade possuíam esse aspecto de membro. Eram escolhidos aqueles que eram considerados os melhores do rebanho, o animal mais especial. Em algumas sociedades eram reconhecidos como um análogo dos seus donos ali no rebanho. “A cor, a forma dos chifres, a idade, o sexo e a linhagem dos animais [...] que permitiam distingui-los entre si, de forma a reproduzir as diferenças propriamente culturais e a constituir um verdadeiro duplo da sociedade humana”. (GIRARD 2008, p.14). Ou seja, para que a violência não recaia sobre os membros da sociedade é necessário um sacrifício digno, satisfatório para o problema. Crianças que ainda não haviam chegado a vida adulta, que ainda não eram consideradas como membras da comunidade, que ainda não haviam passado por um rito de iniciação para vida adulta não podiam ser sacrificadas, pois, não constituíam um bom sacrifício. De mesmo modo, escapavam os reis e nobres, mas nesse caso por cima. Estavam acima da comunidade e por isso não eram atingidos. Perceba que o aspecto religioso é fundamental na manutenção

¹⁰ Stanley Kubrick diretor de cinema estadunidense.

das sociedades que se extinguiriam, se fosse a vingança permitida deliberadamente e não houvesse como recorrer à uma válvula de escape haveria caos. Nas palavras do autor,

A vítima não substitui tal ou tal indivíduo particularmente ameaçado e não é oferecida a tal ou tal indivíduo particularmente sanguinário. Ela simultaneamente substitui e é oferecida a todos os membros da sociedade, por todos os membros da sociedade. É a comunidade inteira que o sacrifício protege de sua própria violência. É a comunidade inteira que se encontra assim direcionada para vítimas exteriores.(GIRARD. 2008, p.19).

A vingança elucida o problema sobre a permanência desse éter de violência sobre as sociedades demonstrando que sua condição é permanente, é infinita. Para entender este aspecto o autor coloca em questão os grupos que compõe uma comunidade. Há uma solidariedade de grupo que incendeia, é como uma chama que nunca cessa. Ao se voltar contra um rival de outro grupo é gerada uma vingança. É um ciclo perpetuo de ódio que só pode ser controlado mediante o sacrifício, mediante uma religião e, posteriormente em nossos dias, pelo sistema judiciário. É um sentimento de proteção do grupo que nutre a vingança. O que é a punição permitida pelo juiz senão uma satisfação vingativa? A violência é desviada pela sentença emitida judicialmente e o conflito é evitado. “Não há, no sistema penal, nenhum princípio de justiça realmente diferente do princípio de vingança”. (GIRARD, 2008, p.28)

Essa noção de relação entre a violência e o sagrado, que apazigua e traz uma calma é ponto central proposto por Girard. Entender que o sistema se adaptou e tomou uma compreensão jurídica é fundamental na análise de conflitos modernos como os que serão aqui tratados posteriormente. Sobretudo, o conceito de bode expiatório e desejo mimético.

O religioso conduz muito da vivência humana, ainda que, metamorfoseada em outros sistemas sociais. Mesmo que diluída no caldo dos contratos sociais. A religião acaba sendo tudo que domina o homem. A realidade pode ser enxergada dessa forma, aquilo que colocamos como significado último das nossas vidas ainda que tenhamos uma religião.

Num certo momento, o processo de indiferenciação violenta deve se inverter para dar lugar ao processo inverso, o de elaboração mítica. E a elaboração mítica inverte-se novamente na inspiração trágica. Qual é o motor das metamorfoses, de que mecanismos dependem os ciclos da ordem e da desordem cultural? (GIRARD, 2008, p.89).

A vítima expiatória é o novo passo em que a manutenção da ordem por meios religiosos irá se valer. Diante disto que foi exposto até aqui, é notório o quanto estamos inundados deste caráter violento, as nossas sociedades modernas são hipócritas muitas vezes e não reconhecem esse seu lado obscuro. Jogam sobre uns aos outros a culpa por toda mazela

que assola os tempos modernos. É aqui que começamos a esboçar o personagem punido, o bode expiatório.

René recorre mais uma vez ao conto mítico, mais especificamente a tragédia de Édipo Rei¹¹. Neste relato fictício o personagem principal se encontra numa contenda onde sua cabeça está a prova para que se prove digno. Seu conflito com Tirésias demonstra o aspecto do rival, daquele usurpador que devo destruir, onde é canalizada a fúria.

Nenhum conflito similar ao relatado por Sófocles está isento de um afrontamento de interesses que permeia essa discussão sobre a vítima. Todo conflito mimético, ou seja, triangular, de duplos rivais e um objeto de desejo, trata-se de uma guerra que produz no outro uma culpa por todos os desentendimentos no reino, os problemas administrativos que incorrem numa república. É interessante lembrar desse dispositivo cultural que o René mostrou ao mundo e jogar luz sobre algumas situações onde é nítido uma culpabilidade criada e muito engenhosamente construída sobre um bode expiatório. O terceiro reich é um terrível exemplo, ao passo que é perfeito também, para elucidar sobre a construção de uma vítima expiatória. Os judeus são claramente o alvo central de Hitler e de toda sua ira, tal como era também, de boa parte da comunidade alemã da época. Lembremos que havia movimentos de resistência e não é possível uma generalização. Os problemas resultantes da primeira guerra que a Alemanha encara naquele momento só poderiam ser originados dos judeus. Sejam eles de ordem econômica ou não, se havia uma razão para que o país estivesse daquela maneira, era que os judeus e o seu comércio avarento, sua cultura e sua heresia - uma vez que a maior parte da comunidade alemã era luterana – só poderia estar ligada àquele povo.

Para libertar toda a cidade da responsabilidade pela crise sacrificial que pesa sobre ela e para transformar a crise sacrificial em peste, esvaziando-a de sua violência é preciso transferir esta violência sobre Édipo ou, de forma mais geral, sobre um indivíduo único. [...] “Quem começou?” Édipo não consegue fixar a acusação em Creonte e Tirésias, mas Creonte e Tirésias conseguem fixar perfeitamente esta mesma acusação em Édipo. (GIRARD. 2008, p.103).

Em outras palavras, o caos violento que se instaura numa sociedade faz com que a noção de um culpado – seja ele realmente culpado ou inocente – recaia sobre uma única vítima. Se numa sociedade em crise sacrificial, ou seja, com problemas que demandam o sacrifício, todos se entendem como muito diferentes, a violência irá tratar de unificá-los. “Se a violência uniformiza realmente os homens, se cada um se torna o duplo ou o “gêmeo” de seu antagonista[...] qualquer um deles pode se transformar, em qualquer momento, no duplo

¹¹ Édipo Rei escrito por Sófocles na antiguidade clássica.

de todos os outros, ou seja, no objeto de uma fascinação e de um ódio universais”. (GIRARD. 2008, p.104)

Numa sociedade em crise, o primeiro culpado plausível que aparecer, que for acusado, a primeira vítima digna, especial, que seja membra da sociedade, receberá toda a atenção da comunidade e recairá sobre ela o ódio. E somente na sua imolação haverá um escape.

Então entramos no campo do desejo, mais especificamente sua parcela não violenta, ao menos não como foi apresentado até então. “Retomamos uma ideia antiga, cujas implicações, no entanto, talvez sejam mal conhecidas: o desejo é essencialmente mimético, ele imita exatamente um desejo modelo; ele elege o mesmo objeto que este modelo”. (GIRARD. 2008, p.184)

O homem imita o desejo alheio e as consequências quais seriam? O homem nessa busca pelo objeto de desejo, se encontraria mais uma vez de frente ao seu duplo, mas aqui não um duplo comum, mas uma espécie de tutor. Aquele por onde se deve guiar e buscar seja lá o que for o objeto de desejo. Nesse caminho de aprendizado ele seria um bom discípulo, mas que em um segundo momento apresentaria uma sede maior e aquele objeto não mais o satisfaz. Ou seja, há desde tempos antigos uma noção de que o homem irradia na sociedade modelos de desejo e objetos. Esse comportamento o autor dá o nome de rede de imperativos contraditórios, pois o homem também lança falsas pistas de desejo, falsos modelos, por que não quer ser copiado em algumas situações. Os homens estão constantemente aprisionando-se nessa rede de desejos.

Por falar em rede, a nossa rede mundial de internet se mostra um verdadeiro canteiro de produção de desejos. O apelo a compra em propagandas, os “*influencers*” das novas redes sociais que apresentam claramente um poder nesse sentido, um poder sobre determinados grupos que os seguem. A internet vende desejo e cria opinião também. É necessário salientar que o objeto de desejo vai desde um simples objeto inanimado até um comportamento ou opinião. Sim, pode-se fazer o mesmo movimento com relação à televisão e outras mídias de massa como o rádio.

Por outro lado, o desejo amadurece o que conhecemos sobre o opressor e o oprimido em situação de crise sacrificial, aquela que demanda uma válvula de escape, onde há uma disputa de duplos. Não há, na verdade algo que diferencie esses dois personagens em qualquer contexto, a acusação que é jogada de ambos os lados, poderiam ser aceitas pela comunidade para culpar tanto um quanto outro. Não há no caso de Édipo, razão para que a sociedade aplacasse sobre ele a violência e, do contrário, derramasse a fúria sobre Creonte ou Tirésias.

As alegações - perceba aqui a nomenclatura jurídica como encaixa perfeitamente numa discussão sobre uma questão religiosa – serviam para incriminar ambos os lados.

Quais são as razões disso? “Quando a rivalidade torna-se tão aguda que destrói ou dispersa todos os seus objetos concretos, toma a si próprio como objeto[...]” (GIRARD. 2008, p.191). O objeto se torna agora um prêmio, uma glória a ser conquistada. Daí se depositar sobre um determinado personagem ou objeto aquela violência que poderia ser de qualquer um. Há uma alternância que em algum momento da disputa, o objeto ou um dos modelos irá adquirir um cariz de triunfo. Isso ocorre nos jogos de azar, em esportes, em tudo que há uma disputa. O fascínio pelo objeto de desejo ou a morte do bode expiatório, devem representar para toda comunidade uma conquista extrema, os vencedores são deuses.

E mais uma vez o aspecto religioso mostra sua face em meio ao caos para regular e traçar diretrizes até a próxima vítima, até o próximo desejo e tomar pela mão a violência para que não caia sobre todos.

2 O DESEJO MIMÉTICO E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE O GOLPE DE 1964

Os eventos que antecedem o golpe na república brasileira em 1964 são tão ou mais importantes que aqueles que se seguiram ao longo de toda a década de sessenta. A proposta aqui é trazer uma nova perspectiva acerca desses eventos, lançando enfoque sobre os aspectos antropológicos e uma possível leitura a partir de tudo que foi exposto até então acerca da teoria do desejo mimético e tudo que a circunda, ou seja, os conceitos que se encontram englobados dentro dela. Expor uma culpabilidade ou, melhor dizendo, um bode expiatório centrado na figura dos comunistas, assim retratados pelo periódico em questão.

A princípio é necessário contextualizar e trazer à memória a relação que o Brasil mantinha com os Estados Unidos e que está diretamente associada ao desejo mimético. A relação era feita de admiração e, nesse sentido, o tom da relação está mais para uma real mimetização do posicionamento ideológico norte americano. Lembremos, como já citado, é um momento de criação de zonas de influência pelos blocos econômicos que regiam as decisões e articulações políticas da época. Em outras palavras, é uma rede de imperativos, uma rede de desejos que moldava as relações internacionais e, não diferentemente afetava o Brasil e achava repouso em parte da sociedade brasileira, despertando-a para participar dessa crise que acoitava o mundo.

Contudo, essa participação se dava de maneira localizada, uma adaptação do problema para as particularidades brasileiras. Ou seja, a parcela brasileira que desejava esse modelo estadunidense, capitalista, o ensaiava por aqui ao seu próprio modo e com todas as consequências que vêm junto. De tal maneira que, os problemas - dentro dessa mentalidade capitalista emulada por aqui – seriam solucionados igualmente nessa lógica econômica. Se os EUA viam um inimigo claro na figura soviética, por aqui também, mas com ressalvas. Os EUA, sim, tinham poder pra enfrentar algo como a União Soviética; os brasileiros aqui em questão, não. Então o bode é adaptado e o julgo negativo recai sobre os comunistas que estavam presentes em nossa sociedade. É a eles que é atribuído a culpa pelo mal desenvolvimento do país, seja esta atribuição da culpa acertada ou não. A intenção aqui é ressaltar o caráter antropológico desse evento e demonstrar como o processo histórico foi conduzido também, nesses termos: de um desejo de ser e da caça a uma vítima que, na sua morte, se encontra os fins dos problemas.

Nesse sentido, há uma necessidade aqui de tocar em alguns pontos sobre essa relação dos Estados Unidos e sua influência aqui no Brasil. Mais especificamente sobre a doutrina de segurança nacional. Em artigo, Nilson Borges fala acerca:

Objetivamente, a Doutrina de Segurança Nacional é a manifestação de uma ideologia que repousa sobre uma concepção de guerra permanente e total entre o comunismo e os países ocidentais. [...] fundamentado com base na Doutrina Monroe[...] Esta segurança coletiva se afirmou, sobretudo, em face da ameaça comunista, o que obrigou os norte-americanos a promover uma aliança interamericana de defesa contra subversão inimiga. (BORGES, Nilson. A doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lúcia de A. Neves. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. O Brasil Republicano, v. 4. 7ªed. Rio de Janeiro, 2014, p. 24).

Essa doutrina foi adequada aos moldes locais, ou seja, sofreu uma transformação para melhor servir ao seu propósito. Portanto, sempre que aplicada, modifica os aspectos locais e os conduz para uma outra coisa. “A partir desse ponto de vista, a Doutrina converte o sistema social em sistema de guerra[...]” (BORGES. 2014, p.29). Esse cariz da Doutrina explícita, de forma clara, o ciclo violento de retaliação, havia uma noção de que já estava em curso uma revolução comunista no país e “Nesse sentido, 1964 é visto como um contragolpe ao golpe de esquerda que seria desfechado por João Goulart”. (BORGES. 2014, p.32). O contato entre os norte-americanos e o Brasil está mais bem localizado na Segunda Guerra Mundial, “nos campos de batalha da Itália. O encontro de militares brasileiros com as Forças Armadas americanas foi de extrema importância para o desenvolvimento da Doutrina”. (BORGES. 2014, p.35).

Além desses aspectos miméticos e ciclo de violência, os militares também emularam por aqui a vigilância, a paranoia dos estadunidenses. Criaram, então, três meses após o golpe, o SNI (Serviço Nacional de Informações). A esse respeito é importante atentar para a fala do Carlos Fico que diz:

Tratava-se da criação de uma vasta rede de espionagem, implantada em todo o país, pois, além dos ministérios civis, as pastas militares obviamente também contavam com seus órgãos de informações, bem como todas as autarquias, fundações e demais órgãos públicos. (FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lúcia de A. Neves. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. O Brasil Republicano, v. 4. 7ªed. Rio de Janeiro, 2014, p.176).

É nessa atmosfera que começaremos a traçar os caminhos pelo qual constituiu-se essa batalha a um adversário punível. O jornalista e escritor Elio Gaspari em 2002 apresenta ao país uma incrível contribuição para o tema da ditadura, no seu livro *A Ditadura Envergonhada*¹², ele narra de maneira detalhada, os acontecimentos que precedem o golpe e as consequências. Faremos uso dessa obra para melhor contextualizar esse recorte. No ano de 1962, o caráter terrorista havia se instaurado em nossas terras. O uso de força bruta, bélica, já era recorrente antes mesmo de o golpe em si ocorrer e toda aquela abordagem cruel (eufemismo) que se seguiu após a queda da democracia. A partir de 1962 iremos começar nossa análise de como se deu essa perseguição à vítima expiatória em questão.

Antes mesmo da deposição de João Goulart, e sem nenhuma relação direta com as conspirações para derrubá-lo, militantes da extrema direita e oficiais do Exército atacaram a tiros o Congresso da UNE que se realizava em julho de 1962 no Quitandinha, em Petrópolis. Dois automóveis dispararam contra estudantes que estavam nos jardins, ferindo dois deles. A operação foi creditada ao Movimento Anticomunista, o MAC, e dela participou um major do Exército. (GASPARI. 2002, p.254).

Perceba que o caráter violento é a força motriz que irá conduzir o comportamento dessa ala da sociedade ao longo de toda a história até a concretização do golpe, sempre que possível. Do contrário, as práticas fisicamente violentas não existem e o ataque fica no campo das palavras, ou simplesmente, no imaginário. Outros eventos desse tipo também ocorreram e marcam de maneira cabal esse ímpeto violento sobre a esquerda.

Desde 1963 existia em São Paulo um Comando de Caça aos Comunistas, o CCC, formado por jovens ligados a políticos conservadores e a militares que a essa altura tangenciavam conspirações. Davam-se muito mais a tumultos, estorvando ou impedindo conferências de políticos governistas, do que a atentados. (GASPARI. 2002, p.254).

¹² GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Do ano de 1963 em diante, podemos notar um novo aspecto da teoria de Girard se apresentar. A vítima expiatória toma uma forma singular e aos poucos, perde seu cariz coletivo e assume uma forma mais individual, centrada na pessoa de João Goulart. Aos poucos a atenção se volta a ele e num primeiro momento, para que seja saciada a violência, conduz a percepção do bode para aquele refinamento da imagem da vítima que relatamos sobre o Édipo. A formatação da imagem da vítima é aprimorada na medida em que um possível indivíduo “sacrificiável” apresenta melhores características, um teor de prêmio e glória.

Até março de 1964 conceberam-se pelo menos três atentados contra João Goulart. O primeiro veio à cabeça do tenente-coronel Roberto Hipólito da Costa, comandante da base aérea de Fortaleza, em 1963. Tratava-se de abater o Viscount presidencial quando ele fosse ao Nordeste. Outro foi descoberto e desativado pelo general Antônio Carlos Muricy no dia 11 de março. Um major havia reunido gasolina e oficiais para incendiar o palanque do comício da Central, no dia 13, com o presidente da República e a cúpula do governo em cima. (GASPARI. 2002, p.255).

Essa perseguição se seguiu durante todo o mandato do então presidente até sua deposição no golpe. “Um lote de dez submetralhadoras Thompson amealhado por oficiais antijanguistas foi descoberto em 1963 numa fazendola de Jacarepaguá a pouca distância do sítio do Capim Melado, propriedade rural de João Goulart no Rio de Janeiro”. (GASPARI. 2002, p.255).

É necessário salientar que, após sua deposição do cargo, o que ocorre é uma instauração do conceito de vingança de René. Movimentos de resistência esquerdistas reagiram ao golpe, causando então um sentimento de vingança. Um grupo atingiu o outro, fazendo com que a roda gire e o processo infinito de vingança se apresente. Nunca existe paz, é sempre uma aura de conflito no ambiente que se mantêm sucessivamente. Um ataque após o outro, um perpétuo mal estar. E a atenção se volta novamente a esquerda.

3 BODE EXPIATÓRIO

Então nos voltamos aos relatos que demonstram uma deflagração sobre a vítima novamente coletiva, dispersa em um grupo. O Diário da Borborema, jornal que teve sua circulação iniciada na cidade de Campina Grande, mas que abrangia cidades satélite também, no ano de 1957, mais exatamente em 2 de outubro, e suas atividades extinguidas em 2012, fazia parte do que é hoje o terceiro maior conglomerado do país, os Diários Associados. Este

último, também foi fundado pelo mesmo personagem: Assis Chateaubriand¹³. Um dos mais bem sucedidos empresários do ramo, político e escritor. O periódico cobriu grande parte da ditadura. Hoje, tem seu acesso disponível na rede de bibliotecas integradas da Universidade Estadual da Paraíba, mais especificamente, na Biblioteca Atila Almeida¹⁴.

Em 1962, ano eleitoral, o Diário da Borborema apresenta artigos onde conclama aos seus leitores uma participação nas urnas que não exalte os comunistas, que não os eleja, mas que priorizem os democratas, ao menos na concepção desse diário. Um discurso que localiza o problema na figura dos comunistas, atribuindo-lhes um cariz de falsidade:

Os partidos democráticos não conspiram para diminuir o valor das eleições, pois que te nelas sua melhor garantia[...] Os comunistas e os falsos “nacionalistas” a serviço da Rússia e de Fidel Castro é que não acreditam em eleições[...] Vamos dar uma demonstração irresponsável de apego as instituições democráticas representativas, repelindo os “nacionalistas” que como o governador Leonel Brizola preconizam para o Brasil um regime de violência e sangue como o de Cuba.(Questão de honra cívica. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 5 outubro, 1962. Caderno 1, p.2)

Nesse clima eleitoral de outubro do ano de 1962, o jornal toma uma página inteira só para chamar atenção dos leitores de fazer bom uso do voto e estarem atentos a democracia. São frases que inspiram o leitor e alertam sobre um mal:

Você sabe o que aconteceu em Cuba. Cidadãos bem intencionados, estudantes, donas de casa, até Padres[...] Quando a revolução venceu, com apoio do povo cubano, Fidel Castro revelou sua verdadeira face cruel: estabeleceu na ilha uma ditadura comunista[...] Você não quer o mesmo para o Brasil. Portanto, aliste-se nas forças democráticas[...] (Paraibano! Vote pela democracia e liberdade. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 6 outubro. 1962. Caderno 1, p.3)

Ainda sobre o período eleitoral, o jornal faz salientar que alguns partidos, mais exatamente alguns candidatos, não estão expondo de maneira sincera seus interesses políticos. Há um discurso em pauta no editorial do jornal que tenta conduzir os leitores para uma noção aproximada a do periódico, de repulsa aos deputados comunistas. De um bode expiatório, de criar neles uma vítima expiatória, por vezes, centrada na figura de políticos específicos, como podemos ver abaixo:

Ninguém ignora a filiação do Sr. Miguel Arrais ao comunismo e é em nome de seu credo político que o prefeito de Recife está pedindo ao eleitorado pernambucano que o promova ao governo do estado. Entregar Pernambuco a um governante comunista equivale a abrir as portas do Brasil a uma penetração vermelha em larga escala. [...] Pernambuco é, em virtude das condições econômicas ali dominantes, um ponto do território nacional especialmente exposto à ação do inimigo bolchevista. [...] O

¹³ Diários Associados. Disponível em <www.diariosassociados.com.br>. Acesso em 05 junho. 2019.

¹⁴ Biblioteca de Obras raras Atila Almeida. Disponível em <bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br>. Acesso em 16 junho. 2019.

Brasil inteiro precisa saber disso e cabe aos partidos assumir perante a nação a responsabilidade de adverti-la. (Dever urgente e intransferível. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 2 outubro. 1962. Caderno 1, p.2)

O governo brasileiro terá que fazer a grande escolha e quanto antes: escolha entre a democracia tradicional da América e o comunismo internacional da Rússia. (Definição imperativa. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 4 outubro. 1962. Caderno 1, p.2)

Com certa frequência, o mesmo ocorrido com o João Goulart em relação a assumir, ver em si os olhares de atenção de todo um grupo em busca de sua cabeça, ocorria em um grau menor com algumas figuras, em momentos pontuais quando da sua incontestável aparição e destaque no cenário nacional. O Leonel Brizola¹⁵, surgia em determinados momentos com certa notoriedade e por ser de esquerda, assumia esse papel com certa frequência. Era atribuído os comunistas um ar de vilania, eram eles os malfeitores das mazelas que assolavam o país:

O incidente provocado pelo ex-governador do Rio Grande do Sul, no aeroporto do Galeão, e o desfecho, que naturalmente haveria ter tido, num país de costumes policiados, faz-me lembrar a carta de Tristão da Cunha[...] Tristão da Cunha foi um dos mais notáveis ensaístas brasileiros. Se fosse o Brasil um país anglo-saxão, teria mais clubs de “gentlemen”, do que ostenta; e, certamente, o sr. Brizola figuraria nas suas listas de sócios. [...] Teria que ser excluído, de modo sumário, dos seus clubs, como um vilão. [...] A combatente cívico do deputado Brizola é peculiar ao capoeira, ao marginal da favela do Esqueleto e traz o estigma o “declassé”. A sua categoria é a dos vilões. (CHATEAUBRIAND, Assis. O vilão. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 5 janeiro, 1964. Caderno 1, p.2)

Acerca de alguns posicionamentos sobre uma decisão ocorrida ainda em 1962, sobre apoiar ou não o bloqueio dos Estados Unidos a Cuba, com relação ao armamento que vinha chegando da União Soviética, o diário apresenta um claro favorecimento aos EUA e ainda faz duras críticas àqueles que se opuseram diante do ocorrido. É mimético, pois demonstra um desejo em tomar partido nas decisões norte-americanas; é expiatório, pois culpa os adversários de terríveis.

Achamos necessário o bloqueio para impedir que cheguem a Cuba mais armamentos ofensivos embarcados nos portos soviéticos[...] Não pode ter havido jamais, maior desmoralização para um governo do que a que o Sr. Leonel Brizola, infligiu ao nosso, quando pela televisão fez saber que tudo quanto ao presidente da república, o primeiro ministro e o nosso embaixador na OEA disseram a respeito do bloqueio, não corresponde a verdade[...] (Terrível impostura. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 28 outubro. 1962. Caderno 1, p.2)

Pois bem: verificando-se esta última hipótese, o Brasil, segundo o voto do nosso representante na OEA, cessará a sua solidariedade com a medida[...] Não haverá no Brasil de hoje quem tenha energia para tomar a bandeira da nossa dignidade e redimir-nos diante da América e do mundo? [...] O presidente está mal cercado de

¹⁵ Memórias da ditadura. Biografias da resistência. Disponível em < www.memoriasdaditadura.org.br > Acesso em 5 junho. 2019.

conselheiros e assessores comunistas[...] Que se liberte o Sr. João Goulart desses elementos por todas as razões[...] Ponha-os no olho da rua[...] (Antes que seja tarde. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 27 outubro. 1962 Caderno 1, p.2)

Para endossar essa dinâmica que permeia a alternância do bode expiatório, esse artil da violência que joga de um lado para o outro a atenção sobre personagens diferentes, recorro ainda a um trecho da obra de Gaspari:

Entre 1964 e 1966 passaram pelas embaixadas latino-americanas do Rio de Janeiro e pela embaixada da Iugoslávia, a única que funcionava em Brasília, cerca de quinhentos asilados políticos. Montevideú e Buenos Aires receberam alguns milhares de brasileiros fugidos pela fronteira, entre os quais o presidente João Goulart e Leonel Brizola. (GASPARI. 2002, p.131)

É interessante notar como essa trama do desejo mimético permeia todas as camadas da sociedade, inclusive aquelas as quais, fogem do imaginário coletivo do senso comum uma atribuição de características de uma teoria como esta ligada a religiosos tidos como pessoas temperadas e que meditam bastante antes de se comprometer em acusar alguém e lhe atribuir tamanha queixa e peso negativo. Ora, se esta condição de inconsciente é atributo do desejo mimético, deveria se supor que é algo implacável e que não deixa escapar ninguém ao seu domínio.

Não precisa pedir emprestado coisa nenhuma a qualquer filosofia ou sistema. Mormente as filosofias que se oponham nos seus princípios e que se fundem, exatamente em negá-los. Noutras palavras, os católicos não podem conciliar-se com os marxistas, em nenhum terreno, nem marchar juntos pra nenhum fim, uma vez que o marxismo não admite o combate as bases da fé cristã. (ATAYDE, Austregésilo de. Aliança impossível. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 9 janeiro 1964. Caderno 1, p.2)

Ao longo de todo o ano de 1964 as coisas se intensificam e uma espécie de vigilância surge em todas as áreas da sociedade. Se instaura então um clima sufocante quanto mais se aproxima o dia do golpe. Isso assinala uma consistência do modelo, ou seja, estava assentado no imaginário a noção capitalista e mais ainda, consolidado o bode expiatório nos comunistas.

Disse que a infiltração comunista na classe ferroviária se processa, como em outros setores do governo pela adoção de um sistema bifurcado, qual seja, um, o da pressão, a ação e coação, e, o outro, de atrair as massas pode oferecer graças aos privilegiados de que goza no seio de alto escalões governamentais. (Líder ferroviário: governo ajuda na infiltração comunista na classe. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 12 janeiro 1964. Caderno 1, p.2)

Por fim, mais uma declaração em artigo no jornal *Diário da Borborema* evidencia o clima extremo e coloca um delineamento com exatidão em tudo que foi exposto aqui até então: “O Brasil marcha para uma ditadura pior que a de Fidel Castro. Se isso mara desgraça

dos brasileiros, ocorrer, o responsável único é o sr. João Goulart, que não governa por que não tem capacidade para fazê-lo”. (O Brasil caminha para uma ditadura pior do que a cubana. *Diário da Borborema*. Campina Grande, 14 janeiro, 1964. Caderno 1, p.2).

O bode expiatório criado sobre a figura do comunista durante a ditadura e antes dela é visível e notório. A maneira como a vítima expiatória se condensa numa pessoa e depois volta a uma ideia mais plural centrada na esquerda como um todo. Uma fixação e uma suposta ideia de que tudo ficaria bem na ausência dos comunas, isso caracteriza, de maneira última, a função do bode, de expiar a violência e a crise que aplaca a sociedade. Os reflexos da mimética do desejo em ser como os EUA e imitar seus posicionamentos encobre todo o assunto como catalisador da problemática, sendo assim, uma triangulação perfeita, duplos rivais e objetos de desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propunha desenvolver uma análise sobre os eventos que ocorreram nos idos da década de sessenta, mais precisamente nos anos de 1962, 1963 e 1964, no Brasil, que antecederam o golpe civil e militar orquestrado pelos militares, com enfoque nas características antropológicas que permeia as direções tomadas pelos personagens principais representados nas páginas do Diário da Borborema.

Auxiliado pelo trabalho notável do Elio Gaspari e dos artigos contundentes de Carlos Fico e Nilson Borges, fundamentais para o que propomos sobre o Diário da Borborema, o artigo se debruça sobre uma parte da cultura dentro desse recorte temporal muitas vezes relegada aos domínios puramente sociais e econômicos. Deixando assim, uma brecha antropológica esquecida, que opera também, fundamentalmente nos processos históricos.

Uma incursão pelo desejo mimético, um vício inconsciente em culpar e uma busca incessante pelo prêmio que nunca chega. A teoria é acertada e densa em sua ousadia de conhecer as obscuras intenções do homem. René Girard, sobre a humanidade, nos traz uma nova roupagem, uma abordagem intimista sobre o interior do homem e o que move suas ações na história. Os personagens não percebem as cordas em si lançadas de maneira cuidadosa pela violência, que as põe numa dança de gestos repetitivos num roteiro de vingança. São domados pelos seus desejos e quase nunca percebem o perigo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

Biblioteca de Obras raras Átila Almeida. Disponível em <bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br>. Acesso em 16 junho. 2019.

BORGES, Nilson. A doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lúcia de A. Neves. **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** O Brasil Republicano, v. 4. 7ªed. Rio de Janeiro, 2014, p. 13-42.

CARBONE, Silvia Maria. **Conversações com René Girard.** Pontificia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p.50

Diários Associados. Disponível em <www.diariosassociados.com.br>. Acesso em 05 junho. 2019.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lúcia de A. Neves. **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** O Brasil Republicano, v. 4. 7ªed. Rio de Janeiro, 2014, p. 167-206.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIRARD, René. **A violência e o Sagrado.** Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: ed. Paz e Terra, 2008.

GIRARD, René. **Coisas ocultas desde a fundação do mundo.** Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: ed. Paz e Terra, 2009.

GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca.** Tradução de Lilian Leon da Silva. São Paulo: É Realizações Editora, 2009.

Memórias da ditadura. Biografias da resistência. Disponível em <www.memoriasdaditadura.org.br> Acesso em 5 junho. 2019.

O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX/ organização Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

AGRADECIMIENTO

SOLI DEO GLORIA